

Nuno Borges Carvalho, professor do Instituto de Telecomunicações da Universidade de Aveiro, considera

Segmento móvel com espaço para o surgimento de outros operadores

Ao contrário de outras vozes deste sector, Nuno Borges Carvalho, professor do Instituto de Telecomunicações da Universidade de Aveiro, considera que o nosso segmento móvel tem ainda espaço para o aparecimento de outros operadores. “Penso que é possível a manutenção dos três operadores e até mais”, destaca à VE. Afinal e, como referiu, no futuro, poderemos assistir à mudança de paradigma com a eventual separação das redes, das infra-estruturas, do serviço que é prestado pelas empresas. Nuno Borges Carvalho alerta, contudo, para a necessidade de os operadores investirem na formação, na investigação, nas parcerias com as universidades, como forma de se diferenciarem dos outros, de serem concorrenciais.

Vida Económica – A concorrência no segmento móvel é cada vez mais aguerrida, verificando-se uma grande aproximação do segundo ao primeiro operador. O nosso mercado tem, efectivamente, espaço para três operadores?

continuum a apostar fortemente na educação dos seus quadros nas universidades. Temos o exemplo das parcerias que foram estabelecidas entre as grandes universidades americanas e um dos grandes operadores portugueses. Uma opção que lhes dá a possibilidade de ter

do meu caso, que temos trabalhado bastante com dois dos operadores. Obviamente não é em Aveiro que vamos criar o GSM, mas podemos criar nichos de serviços para o GSM.

VE – Isso é exportável? Há casos de empresas estrangeiras que vêm a Portugal para analisar o que os nossos operadores andam a fazer?

NBC – Portugal já foi considerado várias vezes mercado de teste no que diz respeito a algumas soluções tecnológicas. Isto pela boa receptividade que os portugueses demonstram em relação a estas áreas. O caso mais conhecido é, como todos sabemos, o do pré-pago da Portugal Telecom. Além disso, como estava a dizer, temos também sido abordados por outros operadores em matérias relacionadas com a educação. Na minha opinião, a educação continuada pode ser um factor importante para as empresas quando o assunto é a concorrência.

VE – Há pouco disse que o mercado português poderia comportar outros operadores. Há algum tempo atrás, surgiu um operador móvel virtual. Pensa que o futuro vai passar por aí ou seguir outras direcções?

NBC – O que eu penso em relação a esse assunto é que, no futuro, vamos mudar completamente de paradigma. Hoje, nós temos a Optimus, a Vodafone, a TMN, sendo que cada um deles tem a sua rede, a sua infra-estrutura e os seus clientes. Acredito que, no futuro, isso vai acabar. Ou seja, o meu terminal vai pendurar-se na rede que existir, que estiver à disposição. Aquilo de que estou a falar é da separação do serviço da infra-estrutura. Isto quer dizer que tanto a TMN como a Vodafone ou a Optimus, o operador móvel dos CTT e outros que possam surgir vão simplesmente utilizar uma infra-estrutura que já se encontra ali, no mercado.

Obviamente que, para chegar a este ponto, teremos ainda que assistir a uma evolução da tecnologia. O meu telemóvel terá de ser um terminal multibanda e permitir que o serviço possa ser disponibilizado, a partir da rede existente, do sinal de rádio que estiver disponível.

VE – Neste momento, nota-se por parte dos operadores uma grande aposta na banda larga móvel. Já se pode dizer que estamos perante um serviço fiável, de qualidade?

NBC – Penso que ainda temos alguma coisa para incluir. Mas, neste momento, se olharmos para a maior parte dos serviços a que gostaríamos de ter acesso, como, por exemplo, o correio electrónico ou a internet, penso que a banda larga é já, neste momento, bastante razoável e fiável. Portugal, desse ponto de vista, pelo menos, no Litoral, é provavelmente, o país que está mais bem cotado.

VE – As redes móveis no geral, e não só em termos de banda larga, estão ao nível do melhor que se faz na Europa?

NBC – Sim, estamos no topo da Europa em termos tecnológicos. Em termos de custo/serviço, não tenho dados que me permitam fazer esse tipo de afirmações. Agora, do ponto de vista tecnológico, estamos, em definitivo, no topo da tabela.

VE – Os portugueses são, de facto, conhecidos pela sua apetência pelo móvel. O mesmo se passa nas empresas ou, aqui, a situação será um pouco diferente?

NBC – Há várias empresas, não necessariamente móveis, que apostam, fortemente, nas tecnologias, e, aqui, também não necessariamente móveis, mas wireless. E, neste momento, na Universidade de Aveiro, temos um caso bastante conhecido: a Brisa. Uma empresa que tem apostado fortemente nesta relação. Mas, de facto, estou de acordo consigo, podia ser feito muito mais com recurso à tecnologia, as empresas podiam tirar muito mais partido destas facilidades.

Agora não sei se isso acontece por inércia das empresas ou porque não existem empresas secundárias capazes de oferecer esses serviços. Ou se, por outro lado e uma vez mais, estamos perante um caso de falta de aposta no desenvolvimento e inovação em dispositivos, em sistemas que permitam às empresas tirar lucro desse tipo de processos.

VE – Na sua opinião, que tecnologia móvel poderá, nos tempos mais próximos, conhecer um maior desenvolvimento?

NBC – O Digital Vídeo Broadcasting (DVB) terrestre – a Anacom lançou o concurso recentemente – será uma dessas tecnologias. Esta vai libertar espectro de televisão, despertando, assim, o interesse junto de um conjunto diversificado de empresas, operadores e outros parceiros. Mas não só. Há outras de que se vai ouvir falar, como é o caso do WIMAX ou do Long Term Evolution (LTE), o futuro das nossas redes móveis, como as conhecemos agora.

Mas tipicamente, a evolução de tudo isto vai estar muito relacionada com a generalização completa das comunicações, na medida em que todas as coisas vão falar com todas as coisas. Por exemplo, as minhas calças vão falar com a minha camisa, esta fala com as minhas calças que, por sua vez, fala com a máquina de lavar roupa. Um outro caso de generalização das comunicações diz respeito ao modo como realizamos as nossas compras, como gerimos os nossos stocks caseiros. Neste momento, há dois grandes hipermercados, em Portugal, a apostar fortemente nas compras via internet, sendo que o acto em si da compra continua a ser realizado pelo utilizador. Ora, no futuro, este poderá ser levado a cabo pela própria casa que faz a gestão dos stocks sem a intervenção do ser humano.

VE – Isso será inteligência artificial?

NBC – Quase isso, mas se definir o stock mensal que pretendido ter em casa e se, por sua vez, os produtos da loja responderem bem a este tipo de mudanças, não vejo por que razão a casa não poderá gerir todo isto de forma automática.

SANDRA RIBEIRO
sandraribeiro@vidaeconomica.pt



“Penso que a banda larga é já, neste momento, bastante razoável e fiável”, sublinha Nuno Borges Carvalho, professor da Universidade de Aveiro

Nuno Borges Carvalho – Penso que é possível a manutenção dos três operadores e até mais. O que me parece, neste momento, é que os mais pequenos se queixam muito dos grandes. Acontece, porém, que os maiores continuam a apostar fortemente em inovação e desenvolvimento, em novas tecnologias, em laboratórios próprios no sentido de se afirmarem no mercado, enquanto que os pequenos acabam por ir atrás dos outros, do ponto de vista tecnológico. Algo que lhes tira um pouco de margem em termos concorrenciais.

VE – E daí a importação de tecnologia? Se é verdade que o fabrico de telemóveis é algo que não faria muito sentido em Portugal, o mesmo não se pode dizer da produção de novos serviços?

NBC – Do meu ponto de vista, temos que analisar, aqui, duas perspectivas diferentes: se é verdade que, muito dificilmente, conseguiremos ter produção para o mercado de massas, não nos podemos esquecer, por outro, que faz sentido apostar em nichos de mercado. Razão pela qual alguns dos grandes operadores

um conhecimento da tecnologia e, deste modo, no momento da compra lá fora, optar pelo melhor, pelo mais adequado. Nessa altura, podemos dizê-lo, vão apostar nos “cavalos” correctos sem a necessidade de estarem à espera do que vai acontecer.

Na minha opinião, os mais pequenos, talvez um pouco por falta de visão e por seguirem um pouco aquela cultura do português que radica em se queixar sempre daquele que está numa posição de maior força, acabam por se acomodar e ir atrás do que se faz no resto da Europa.

VE – A Universidade de Aveiro é conhecida pelo seu investimento, pelo seu conhecimento nesta área das telecomunicações. Por aquilo que está a afirmar, posso deduzir que a universidade gostaria de aumentar o número de parcerias que mantém com as empresas portuguesas?

NBC – Nós já temos bastantes projectos com empresas portuguesas. Julgo é que poderíamos aumentar a nossa colaboração com os operadores. De qualquer modo, devo adiantar, e falando especificamente

“ANACOM NÃO EMBARCA EM AVENTURAS”

VE – Que avaliação é que faz do papel desempenhado pela Anacom? Há sempre opiniões diferenciadas sobre o assunto?

NBC – Do ponto de vista técnico, faço as melhores considerações.

VE – Na sua opinião, a Anacom tem desempenhado um papel importante na área da regulação?

NBC – Tem e, do ponto de vista técnico, como já referi, tem sido bastante ponderada, não embarcando em aventuras.

VE – Há quem diga que a regulação da Anacom não é estratégica, mas, somente, circunstancial, de pequenos passos?

NBC – Tendo em conta a velocidade a que as tecnologias têm evoluído, considero que esse é um comportamento ponderado, o de tratar um determinado assunto sem embarcar em aventuras. Vejamos o exemplo da televisão digital que vai permitir a libertação de espectro. É preciso regulamentar quem vai aceder a esse mesmo espectro. Aliás, a nível internacional, há uma série de propostas que visam a sua regulamentação, sendo que a Anacom deverá também ela estar a seguir esses mesmos processos. Não tenho dúvidas de que vai regulamentar de acordo com aquilo que é o melhor para o país. Depois, há, aqui, uma outra questão de que se fala, esta relacionada com a passagem do espectro alocado para o espectro completamente livre. É uma mudança de paradigma. É um tema muito importante em termos de regulação, este o da liberalização completa do espectro.